

A ilusão do multitasking

Tão próximos e tão distantes



Alexandre Ventura
Doutor em Educação pela Universidade de Aveiro/Portugal

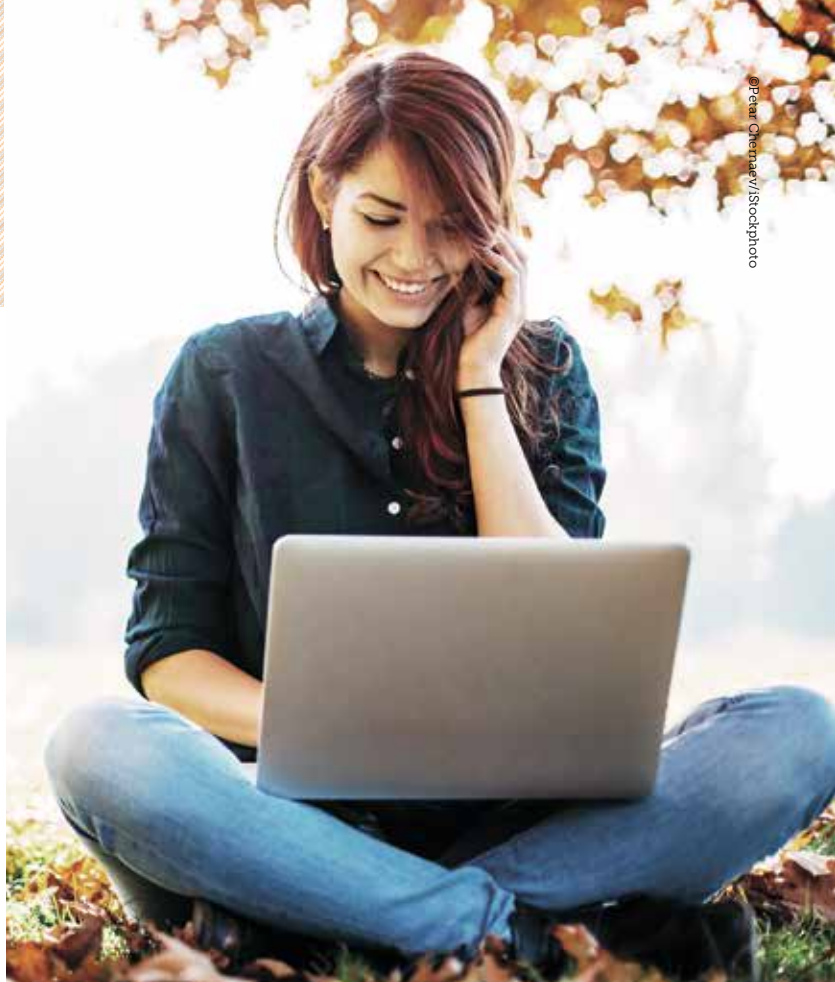
O potencial de conexão que caracteriza a sociedade contemporânea transmite uma ilusão de interação e de partilha que provoca um afastamento crescente de cada um de nós relativamente a “santuários” de reflexão interna e a relações mais substantivas com outros. Podemos dizer que se verifica uma tendência para a diminuição dos nossos espaços de vida interior, bem como do espaço e do tempo, com significado profundo que atribuímos aos outros. As pessoas das últimas gerações estão ao mesmo tempo sempre ligadas (à internet) e cada vez mais desligadas (delas e dos outros). Muitos de nós, em vez de utilizarmos as tecnologias de informação e comunicação a serviço da melhoria da nossa qualidade de vida, fizemos com que estas se transformassem nas nossas vidas.

Os perigos dessa inversão e de nos transformarmos em servos da tecnologia levam alguns – Tim Berners-Lee (criador da World Wide Web); Steve Wozniak (cofundador da Apple); Elon

Musk (fundador da Tesla Motors); Bill Gates (dono da Microsoft), Stephen Hawking (físico) — a defender a criação de uma Magna Carta da internet que permita resguardar-nos dos malefícios dessa era da informação desmedida. Como todas as grandes inovações, o progresso tecnológico alberga inesgotáveis potenciais benignos que podem contribuir para melhorar a vida humana, mas também alguns perigos e desafios com os quais temos que saber lidar.

Estamos a ser bombardeados por quantidades inimagináveis de dados, informação e conhecimento. Nunca a Babel foi tão astronômica e diversificada, e o ritmo aumenta exponencialmente. Em 2011, por dia, cada cidadão norte-americano foi atingido por um volume de informação equivalente a 175 jornais. As cerca de 22 mil estações de televisão existentes no mundo produzem aproximadamente 86 mil horas de programas originais. A cada hora, os usuários do YouTube fazem *upload* de 6 mil horas de vídeo. A gestão dos arquivos de texto, imagem e som dos nossos computadores é uma tarefa ciclópica. Cada um de nós possui no computador pessoal o equivalente a cerca de meio milhão de livros. Isso sem falar da informação arquivada nos nossos smartphones ou celulares. Esse cenário foi apresentado por Daniel Levitin, no livro *Organized Mind: Thinking Straight in the Age of Information Overload*.

Essa dimensão descomunal do manancial de dados, informação, conhecimento e até de sabedoria à nossa disposição é incompatível com a nossa capacidade e ritmo de descodificação. Estamos cada vez mais confrontados com uma torrente de que apenas conseguimos um aproveitamento infinitesimal.



O caráter dinâmico dos códigos relacionais, da tecnologia de informação e conhecimento, do marketing comunicacional e das relações entre as pessoas intermediadas por dispositivos tecnológicos vem lançar novos desafios para os quais existe pouca preparação. Para muitos de nós, o acesso à tecnologia pode trazer mais malefícios do que benefícios. Sempre que o nosso discernimento e livre-arbítrio ficam capturados pela sedução da futilidade e da inconsequência, acabamos por prejudicar as mais importantes dimensões da nossa vida pessoal, familiar e profissional.

Um dos maiores desafios da contemporaneidade é a capacidade de o sujeito promover o seu conhecimento e o dos outros em redes de aprendizagem cada vez mais complexas. Paradoxalmente, a proliferação incalculável de dados, informação, conhecimento e sabedoria à distância de um clique nos faz, com frequência, desejar algo aparentemente próximo, porém inalcançável.

A partilha efetiva de conhecimento está muito longe do potencial disponível sob as mais variadas formas. A dificuldade maior decorre da inexistência, para a maioria, de uma "gramática" que permita navegar pelo conhecimento e instrumentalizá-lo a serviço de necessidades concretas e produtivas. Os novos hábitos sociais nesse domínio têm sobretudo investido (e bem) nas dimensões lúdicas da nossa existência. Isso é importante, mas não chega. Corremos o risco de nos deixar contaminar por abordagens superficiais do conhecimento e de perder a dimensão narrativa que sempre foi uma marca das sociedades humanas.

Atravessamos uma época em que impera o instantâneo, o fugaz, o inacabado, o interrompido. A sustentabilidade é uma miragem. Trocamos a leitura de um livro, a conversa de bar,



o telefonema e a presença física pelo e-mail, pelo *chat*, pelo torpedo, pelas redes sociais cada vez mais ponto de encontro de anônimos, de desconhecidos. Estamos mais afastados dos que conosco partilham o mesmo espaço físico e emocional.

Pode-se dizer que passamos de uma perspectiva narrativa da vida para uma perspectiva de instantâneo, de abordagens de profundidade para abordagens de superficialidade. O nosso contentamento é sempre descontente, porque é inacabado, insatisfeito. Sempre à espera da nova versão do *gadget* ou do aplicativo, das novas redes sociais com novas e surpreendentes opções (que nós, na maior parte dos casos, não vamos conhecer e muito menos utilizar). Sempre na ânsia de que alguém assinale um *curtir* que nos acalente a alma no nosso *post* sobre o essencial cafezinho que bebemos há pouco.

Esse culto à fugacidade e à superficialidade nos coloca sistematicamente em estado de alerta quanto à futilidade que nos bombardeia e disponíveis para dar o nosso contributo para esse fogo-fátuo que nos desfoca e desgasta sem nenhum proveito. O fato de estarmos sempre em tarefa devido à TV, aos smartphones, aos celulares, aos computadores, às redes sociais ou ao e-mail deixa-nos sem tempo para fazermos a limpeza do "disco rígido" do nosso cérebro e, mais importante do que isso, sem tempo para refletir, para sonhar, para fazer retrospectivas e um balanço das nossas ações, das nossas atitudes, do nosso dia. Privamos de apreciar a beleza e a profundidade das coisas simples. Podemos dizer que, na sociedade contemporânea, a capacidade de ver e de contemplar dos seres humanos diminuiu. Paradoxalmente, nunca vimos tanto e tão pouco como hoje. As nossas constantes consultas a e-mails e aos populares aplicativos de comunicação síncrona e assíncrona, a nossa reação imediata às luzes que piscam no celular, aos *curtir* que brindam ruidosamente os nossos *posts* ou os nossos

tuites e nos afagam a alma fazem com que fique tolhida a nossa capacidade de ver e de contemplar.

Com essa dinâmica irracional, fútil e frustrante, com essa hiperativa intensificação da atividade, acabamos por fazer com que esta se converta em hiperpassividade, como defende Byung-Chul Han, na obra *La Sociedad del Cansancio*. Claro que perdemos qualidade de vida com esse incremento da superficialidade do nosso olhar e da nossa escuta. A nossa intensa atividade não é mais do que desbaratamento de energia e de vida. A visão e a contemplação, ao contrário do que por vezes o senso comum transmite, não são atos passivos. São ações por meio das quais escolhemos dedicar a nossa atenção a alguns estímulos e optamos por resistir a outros. Isso nos permite ver mais e melhor.

Quando somos criteriosos na escolha dos estímulos aos quais dedicamos a nossa atenção, permitimos que a nossa acuidade e a profundidade do nosso olhar sejam muito superiores. Ao lidarmos com os estímulos de acordo com a ilusória e vácuca abordagem *multi-tasking*, vemos tudo e não vemos nada, fazemos contato com todos e não criamos laços com ninguém. Passamos a vida na casca da manga e nunca chegamos ao caroço.

Ao usarmos as tecnologias de informação e comunicação, adotamos frequentemente uma abordagem de "deambulação", em vez de uma abordagem de "peregrinação". Deambulamos no sentido de que não sabemos para onde queremos ir ou que informação procuramos. Ou sabemos, a princípio, mas perdemos-nos durante a nossa demanda. Assumimos uma atitude dileitante, sem eficácia e sem eficiência. Se peregrinásemos, saberíamos aonde queremos chegar. Teríamos um objetivo concreto e procuraríamos concentrar a nossa energia disciplinadamente no alcance desse objetivo. ■

www.alexandre-ventura.com